

# Contribuições da fonologia e da análise do discurso para explicar as variações linguísticas no português brasileiro

## Contributions of phonology and discourse analysis to the explanation of linguistic variation in Brazilian portuguese

Leandro Freitas Menezes\*

### RESUMO

Este artigo tem o propósito de mostrar que as línguas mudam, sofrem alteração e por isso não se deixa imobilizar, por esse motivo, uma tentativa disso ou de estatizar os sentidos produzidos nela constitui um problema. Para o estudo do discurso utilizamos os pressupostos da análise do discurso de Pêcheux (1997) e Orlandi (1998, 2002, 2006, 2012). Para os estudos de fonologia utilizamos Seara, Nunes e Lazzarotto (2011) e Azeredo (2008). Utilizamos o método bibliográfico, e uma abordagem analítico-descritiva a partir da análise do *corpus* do projeto Norma Urbano Culta (NURC/RJ). Buscamos estudar as supressões no início, no interior e no final que reduzem as palavras. O resultado mostrou que esse processo de alteração da língua é algo histórico. Mas atualmente, nota-se que ela tem uma causa contundente: a linguagem coloquial e até a culta tem assimilado os aspectos de liquidez e agilidade da era da informação. Supomos assim que nós buscamos cada vez mais uma língua sintética e eficiente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fonologia do português brasileiro; Língua; Processos fonológicos.

Recebido em 15 de junho de 2023.

Aceito em 22 de novembro de 2023.

DOI: <https://doi.org/10.18364/rc.2024n67.1381>

\* Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, [leandrofreitasmenezes@yahoo.com.br](mailto:leandrofreitasmenezes@yahoo.com.br)  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7754-918X>

## ABSTRACT

This article aims to show that languages change, are subject to change and therefore cannot stand still. For the study of discourse, we have used the assumptions of discourse analysis by Pêcheux (1997) and Orlandi (1998, 2002, 2006, 2012). For the study of phonology, we used Seara, Nunes and Lazzarotto (2011) and Azeredo (2008). We used the bibliographic method and an analytical-descriptive approach based on the analysis of the corpus of the Norma Urbano Culta Project (NURC/RJ). We try to analyze the deletions at the beginning, within and at the end that reduce words. The result shows that this language change process is something historical. At present, however, it is established that it has a compelling cause: Colloquial and even cultivated language has taken on the aspects of liquidity and agility of the information age. We assume that we are increasingly in search of a synthetic and efficient language.

**KEYWORDS:** Phonology of Brazilian portuguese; Language; Phonological processes.

“Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,  
Muda-se o ser, muda-se a confiança;  
Todo o mundo é composto de mudança,  
Tomando sempre novas qualidades”.

Luís de Camões, L. V. de. 200 Sonetos. Porto Alegre: L&PM. 1998.

## Introdução

Nesse artigo pretendemos mostrar o dinamismo, o movimento e a fluidez que existe na língua, o que não justifica uma normatização. Nesse sentido, por conta de uma tradição da formalidade da língua que está historicamente enraizada na vida escolar do nosso país temos a ilusão de que os sentidos são estáveis e isso constitui uma problemática. Por esse motivo, queremos iniciar essa introdução com a epígrafe acima de Luís de Camões que representa o português clássico e, portanto, faz parte das transformações diacrônicas ocorridas ao longo do tempo desde o latim. É interessante que ao falarmos de transformações isso no remete ao próprio significado existente nos versos de Camões, uma vez que ele expressa que tudo está sujeito ao tempo

ou a um constante movimento temporal. O sujeito, por exemplo, condicionado ao social e histórico e, na medida em que, se movimenta no tempo e no espaço as mudanças são inevitáveis: sua forma de pensar, de se comunicar, de agir, etc. Tudo muda. Não é diferente com a língua, como foi pressuposto.

Sendo assim, por meio do viés da análise do discurso temos os intuito de mostrar que embora haja um abismo entre a concepção de língua para Saussure (1975) e a concepção de Pêcheux (1997), de alguma forma para este existe uma independência entre elas. Orlandi (2012) também mostra que o discurso é uma articulação entre a língua imaginária (o formal) e a língua real (o discurso). Adotamos essa concepção discursiva da língua em que esses estudiosos da análise do discurso a veem em constante construção e reconstrução, em constante movimento, uma língua que não se deixa imobilizar e inatingível. Por ser assim, carrega os equívocos, as incompletudes, a heterogeneidade, os rompimentos, as fressuras, etc.

A partir desse direcionamento, elegemos a fonologia, uma ciência descritiva da linguística, uma vez que tanto esta quanto a análise do discurso concordam que a língua sofre mudanças e evolui. Com isso, pretendemos investigar tais mudanças, utilizando as ocorrências de processos fonológicos, porque por meio deles podemos observar traços articulatorios, a eliminação ou a inserção de segmentos. Contudo, pretendemos investigar apenas os casos relacionados à supressão de fonemas: aférese, síncope e apócope. Para investigar tais ocorrências nos embasaremos nos estudos de Seara; Nunes e Lazzarotto (2011) e Azeredo (2008) sobre processos fonológicos.

Como *corpus* utilizaremos as gravações de áudio e transcrições realizadas pelo projeto Norma Urbana Culta - NURC/RJ de 1990<sup>1</sup> para identificar os casos de processo fonológico, os quais serão apontados e classificados em um quadro.

---

1 <https://nurcrj.letras.ufrj.br/>

## 1. Diferenças e convergências sobre a noção de língua entre a concepção estruturalista e a Análise do Discurso Francesa

Como uma das grandes problemáticas entre a gramática e o discurso reside na dicotomia língua/fala de Saussure, cabe aqui retomar e esclarecer brevemente sua origem. Nesse sentido, a razão pelo qual o Saussure (1975) optou pelo estudo da língua, remete-se há mais ou menos 400 anos a.C., quando a fala era valorizada por meio dos estudos da Oratória fundada por Sócrates. Contrário a esta disciplina, Platão com sua escola prioriza o estudo da lógica (busca do conhecimento pela razão). Nesse embate, a retórica tornou-se desprestigiada. Em consequência disso, sofreu um processo de exclusão, ficando mais associada à política e a estilística. Com isso, a lógica, portanto, deu origem a formação do pensamento linguístico, além de influenciar o fundamento das ciências modernas do século XVI, bem como o surgimento das primeiras gramáticas latinas. Exercendo esses princípios lógico-normativos, Segundo Orlandi (2006) as gramáticas deveriam conter, uma língua universal, a fórmula para suscitar o falante ideal, livres de problemas de compreensão, assegurando os processos de comunicação na sociedade. Ainda de acordo com a autora, essa idealização do homem de controlar o mundo se transporta também para a linguagem, esse deseja de mecanizá-la ou de maquinizá-la, estabelecendo e tornando os processos de comunicativos padronizados, ágeis e eficientes. Sobre isso Orlandi (2006) diz: “Não é difícil conhecer já aí o sonho do homem moderno em ter o controle do mundo através das máquinas. Esse ideal, traduzido para a atualidade, é a língua metálica, a dos computadores, universal e sem ‘falhas’”.

Como abordado inicialmente nesse tópico, segundo a tradição lógica, Saussure (1975) priorizou o estudo da língua como entidade social em detrimento à fala, individual. Nesse sentido, como a língua, como objeto da Linguística, foi sistematizada e estudada em si mesma, dentro de critérios<sup>2</sup>

---

2 Tais critérios remetem as conhecidas dicotomias saussurianas: Língua/fala, sincronia/diacronia, sintagma/paradigma, arbitrariedade/linearidade. Além disso, a definição de signo contendo duas faces: significado e significante. Por último a noção de valor.

postos por Saussure (1975), as gramáticas oriundas desse paradigma, tornaram-se como programas de computador, uma língua ideal e afastada da realidade do homem. No entanto, embora as Gramáticas Estruturalistas<sup>3</sup> tenham essa característica, deve-se destacar a contribuição de Saussure (1975) por ter transformado a língua em ciência<sup>4</sup>, e também por uma diferença em relação à tradição lógica: enquanto na concepção língua/pensamento o referente está no mundo, na concepção de língua como sistema o referente está no interior da língua. Com essas considerações acerca das gramáticas desde a Idade Clássica até o Estruturalismo, nota-se que não se levou em consideração a presença do homem como senhor da língua. Portanto, percebe-se que a noção de língua pode ser encontrada exatamente nessa concepção de Saussure (1975) de entidade fechada, prática social, abstrata e distante do homem.

Ao contrário, os adeptos do materialismo acreditam que as ideologias têm existência material, ou seja, devem ser estudadas não como ideias, mas como um conjunto de práticas materiais que reproduzem as relações de produção. Isso, para a linguística, foi interpretado da seguinte forma: já que a ideologia deve ser estudada em sua materialidade, a linguagem se apresenta como o lugar privilegiado para a manifestação da ideologia. Assim, a linguagem passou a ser vista como a via pela qual se pode depreender o funcionamento da ideologia. Os primeiros teóricos da AD, como Pêcheux (1997), retornando à dicotomia Língua/fala, estabeleceram que a significação não era sistematicamente apreendida por ser da ordem da fala e nem por ser da ordem da língua, mas por sofrer alterações de acordo com as posições

---

3 Lembramos que o termo “Estruturalismo” não foi cunhado por Saussure, mas por seus discípulos. Saussure utilizou o termo “Sistema”.

4 Esse fato ocorreu em razão do lançamento do *Curso de Linguística Geral*, obra póstuma de Ferdinand de Saussure, em 1916, organizada pelos seus discípulos Ch. Bally e A. Saechehay, a partir de anotações de aulas ministradas por Saussure na Universidade de Genebra entre 1906 e 1909. O projeto de Saussure foi importante porque condiz com o seu, momento em que o Positivismo Lógico de August Comte era o paradigma vigente para o ato científico, a Linguística para se firmar como um campo autônomo precisava de tratamento dado pelo genebrino.

ocupadas pelos sujeitos que enunciam, os processos de significação deveriam ser inscritos como socio-histórico e ideológicos. Essas noções preliminares nos dão condições de começar a compreender a definição de língua para Pêcheux (1997) e conseqüentemente para a Análise do Discurso. Nesse sentido, segundo o autor é “sobre a base dessas leis internas que se desenvolvem os processos discursivos” (PÊCHEUX, 1997, p. 91), isto é, uma língua utilizada por um sujeito socio-histórico que se inscreve na materialidade discursiva. Dessa forma, podemos compreender três aspectos importantes: 1) A existência do discurso depende diretamente da língua; 2) esse sujeito é afetado duplamente: pelo discurso/língua (se inscreve na materialidade) e pelo histórico; a língua e discurso se distinguem apesar da interdependência; o discurso se filia a um ponto de vista discursivo que se reconhece a materialidade da língua e da história, enquanto trabalha com a organização da língua, tal como na Linguística, baseada em regras e classificações.

Em resumo, sob o ponto de vista da AD francesa, Pêcheux (1997) enxerga a língua de acordo com as seguintes características: é marcada sempre pela incompletude, é heterogênea ou atravessada por outras vozes discursivas, é um sistema aberto e imperfeito. Ela é produto de um sujeito imerso em um processo socio-histórico e ideológico e, por isso, esse produto é passível de falhas, de equívocos como fatos estruturantes, de deslizamentos, de rupturas, de fissuras e de brechas pelas quais sentidos outros transbordam, deslocando discursivamente de seu sentido para derivar para outro (PÊCHEUX, 1997; ORLANDI, 2012; LEANDRO FERREIRA, 1994).

Dentro de uma perspectiva discursiva essas características atribuídas a língua são relevantes para esse trabalho uma vez que constatamos que ela não é estática, mas dinâmica ou em constante movimento. Nesse caso, apresentamos os conceitos de Orlandi (2012) a qual se percebe em sua obra uma forte filiação a teoria de Pêcheux (1997). Essa autora acrescenta que o funcionamento do discurso se dá por meio da articulação entre o real e o imaginário. Segundo diz:

O [...] real do discurso é a descontinuidade, a dispersão, a incompletude, a falha, o equívoco, a contradição, constitutivas tanto do sujeito como do sentido.” Em sentido antagônico, no imaginário “[...] temos a unidade, a completude, a coerência, o claro e distinto, a não contradição (ORLANDI, 2012, p. 73-74).

Percebemos um estreitamento entre a concepção de língua/discurso de Pêcheux (1997) e esta na citação de Orlandi (2012) na medida em que o imaginário corresponde à língua e o real corresponde ao discurso. Dessa forma, a construção das gramáticas e da língua nacional está ligada a língua imaginária, a plenitude da língua está ligada a noção de língua real ou fluída (ORLANDI, 2002). Mas essa acepção de Orlandi e Souza (1998) vem de constatações anteriores, especificamente de sua obra *Língua imaginária e língua fluída: dois métodos de trabalho com a linguagem* de 1988. Nela, as autoras relatam o contato com as línguas indígenas brasileiras que as fizeram evidenciar que ao contrário do que se pensa a língua não é imobilizada, mas dinâmica. Isso pode ser percebido quando as autoras afirmam que “[...] a língua imaginária é a que os analistas fixam com suas sistematizações e a língua fluída é a que não se deixa imobilizar nas redes de sistemas e fórmulas” (ORLANDI; DE SOUZA, 1998).

Adotamos para a continuidade desse trabalho essa noção de língua que se articula entre o real e o imaginário, mas não se deixando imobilizar, essa língua fluída. A prova de que a língua não se deixa normatizar e estatizar institucionalmente está na confecção dos dicionários os quais são reformulados a cada cinco anos, nos fazendo entender que não como reter a produção de sentidos. Sendo assim, devemos deixar o pensamento simplista dos filósofos da idade clássica os quais admitiam uma ligação de sentido direto entre as palavras e o mundo para assumirmos uma concepção de que esta ligação é indireta de acordo com Mondada e Dubois (2003). Isso porque o sentido não está pronto previamente, contudo, é o sujeito socio-histórico que o constrói a partir do momento em que age sobre o mundo. Embora se tente normatizar a construção de uma língua que se possa descrever de acordo com um sistema

que constitui um “continuum de níveis” (LEANDRO FERREIRA, 1999, p. 125) a própria experiência mostra o contrário: a língua sofre mudanças e isso pode ser constatado no próprio discurso. Nos estudos linguísticos a vários campos de estudo que comprovam que a língua se constrói por meio de falhas, equívocos, deslizos, fressuras, etc. Entretanto, pretendemos mostrar esse fenômeno da linguagem lançando mão da fonologia, entendendo que a análise do discurso é um método interdisciplinar e, por esse motivo, agrega outros estudos linguísticos a fim de explicar fenômenos que ocorrem no discurso. Isso acontece porque uma só disciplina não consegue dar conta de explicar todos os fatos linguísticos.

## 2. Fonologia, uma ciência descritiva da Linguística

A Linguística é uma ciência que estuda a linguagem humana. Contudo, tal estudo não está relacionado com os vários idiomas, nem tão pouco com o estudo gramática tradicional, mas se presta a investigar, explicar e descrever os fatos linguísticos (MEDEIROS e SOUZA, 2012).

Enquanto a gramática tradicional prescreve conselhos sobre o “bom” uso da língua, uma norma como sendo a correta, apresentando um conjunto de regras que *devem* ser seguidas, a Linguística se interessa por descrever não uma língua em particular, mas por todas as línguas, inclusive aquelas faladas por pequenos grupos de pessoas. Para a Linguística, não existe uma língua mais importante, mais complexa ou mais difícil que outra. Além disso, ao descrever essas línguas não emite julgamento de valor sobre elas, isto é, não diz o que se deve fazer, escrever ou falar (MEDEIROS e SOUZA, 2012). E é sob esse ponto de vista da Linguística que pretendemos adotar os estudos fonológicos, mostrando que a concepção sistêmica da língua é importante, mas ela está em constante mudança, ela é fluída e móvel ainda que institucionalmente se tente prescrevê-la. A fonologia é uma ciência descritiva da língua e queremos utilizá-la para mostrar que no discurso a língua se constrói por meio do equívoco, falhas e fressuras, etc.

Em relação à Fonologia, o primeiro aspecto que precisamos notar é que conseguimos nos entender em meio a uma variedade de sons da fala que produzimos por meio do aparelho vocal: são sons que diferem os significados das palavras, sons que diferem os regionalismos de cada lugar, sexo, idade, etc. Falando de uma forma saussuriana<sup>5</sup>, isso é possível por causa de um contrato tácito entre os integrantes de uma comunidade linguística. E é esse contrato denominado língua que garante o controle social sobre todas essas variações.

A Fonética e Fonologia são duas ciências que têm um objetivo comum: estudar como os seres humanos produzem e ouvem os sons da fala. O estudo da Fonética é anterior ao da Fonologia, esta foi desenvolvida a partir do século XX. Segundo (SEARA; NUNES; LAZZAROTTO, 2011 p. 88) “A Fonologia é, então, uma **interpretação** daquilo que a fonética apresenta, restrita a uma língua e aos modelos teóricos que descrevem essa língua”. Mais precisamente, de acordo com Crystal (2000, p. 115) a Fonologia é um “Ramo da LINGUÍSTICA que estudam os SISTEMAS de sons das LÍNGUAS”. Nesse caso, a partir da captação dos sons produzidos por um falante, os estudiosos da fonologia buscam compreender a organização mental da linguagem e as distinções sonoras de uma dada língua. Em outras palavras, distinguem os sons que diferenciam um léxico do outro ou as regularidades de distinção desses sons (SEARA; NUNES; LAZZAROTTO, 2011).

Pretendemos estudar aspectos da fonologia dita dinâmica mais detidamente em relação da Língua Portuguesa. O que podemos adiantar sobre isso é que nossa língua está em constante mudança, ela é dinâmica. Tais mudanças na língua podem ocorrer diacrônica e sincronicamente. Nesse sentido, de forma diacrônica, podemos afirmar que ao longo dos séculos do português clássico para o português moderno ocorreram inúmeros processos fonológicos. Contudo, esses processos aconteceram não somente no decorrer da evolução histórica, mas estão em plena realização de forma sincrônica,

---

5 Segundo Saussure (1975) a língua é social.

causando variações regionais, sociais e situacionais na língua atualmente. Por meio desses processos fonológicos são alterados ou acrescentados traços articulatorios e eliminados ou inseridos segmentos. Isso é o que denominamos de processos fonológicos os quais têm sua classificação de acordo com cada alteração (SEARA; NUNES; LAZZAROTTO, 2011; AZEREDO, 2008). Sendo assim, embora tenhamos muitas ocorrências de processos fonológicos queremos especificar nosso estudo nos atendo a apenas os que dizem respeito aos casos de supressão, isto é, aférese, síncope e apócope, aos quais têm sido muito comum na fala cotidiana. Essa classificações pode ser visualizadas abaixo no Quadro 1.

	Designação	Em que consiste	Exemplos	
			Variação histórica	Variação regional, social e situacional
Supressão	Aférese	Supressão de um fonema no início da palavra	<u>a</u> tonito > tonto	<u>a</u> inda > inda (Variação social / situacional)
	Síncope	Supressão de um fonema no interior da palavra	o <u>p</u> era > obra	Piscina > p[ ]scina (Variação social)
	Apócope	Supressão de um fonema no final da palavra	cubiculum <u>m</u> > cubículo	homem > home (Variação social)

Quadro 1 – Processos fonológicos. Fonte: Produzido pelo autor a partir dos estudos realizados na obra de Seara, Nunes e Lazzarotto (2011) e Azeredo (2008).

Como se pode observar em cada um dos exemplos destacados no Quadro 1 ocorreram mudanças que consistem na perda de um fonema ou de uma sílaba<sup>6</sup>. No entanto, no primeiro caso, Aférese, essa perda foi no início da palavra. De acordo com a história, pode ser identificado da passagem do Latim

6 Em outros autores estudados observa-se que falam apenas na perda de um fonema, mas Azeredo (2008) acrescenta que pode ocorrer tanto a perda de um fonema quanto de uma sílaba o que chama de unidade fonológica.

para o Português arcaico e atual. Azeredo (2008) identificou esse fenômeno na fala coloquial barasileira, mais precisamente, no uso do “verbo *estar*: *tá, tô, tão, teve, tava* (por *está, estou, estão, esteve, estava*)” (AZEREDO, 2008, p 388). O segundo caso, a síncope, apresenta a perda do fonema no interior da palavra. Segundo Seara, Nunes e Lazzarotto (2011) esse fenômeno ocorreu na evolução do latim para o francês e para o português. Podemos verificar isso no próprio exemplo do Quadro 1, contudo, Azeredo (2008) assinala ocorrências como o desaparecimento da vogal pós-tônica não final seguida de /r/ no português brasileiro na linguagem informal e formal. Além do exemplo do Quadro 1, podemos destacar ainda segundo o autor a palavra *xicara* que passou a *xicra, fósforo* para *fósfro* e *abóbora* para *abobra*. O terceiro caso, Apócope, está associado à perda no fonema no final da palavra. Azeredo (2008) aponta tanto a fala coloquial quanto na variedade padrão do português brasileiro, sendo mais comum a perda do “/R/ no final das formas infinitivas dos verbos: *olhá, dizê, dá, perdê, dormi* (por *olhar, dizer, dar, perder, dormir*)” (AZEREDO, 2008, p. 388).

### 3. Análise e discussão

Após a análise de *corpus* foi possível notar nos casos de supressão de fonemas alterações na forma como as pessoas utilizam a língua para se comunicar. É interessante que como Azeredo (2008) que tais ocorrências deixaram de ser contada apenas como particular da linguagem coloquial, mas podem ser vista também na norma culta. Haja vista, o *corpus* utilizado por nós estuda a norma urbana culta. A pesquisa pode ser mais bem visualizada no quadro proposto no Anexo 1. Por ora podemos visualizar também as ocorrências no quadro 2 abaixo:

	Designação	Em que consiste	Exemplos a partir da análise de <i>corpus</i>
Supressão	Afêrese	Supressão de um fonema no início da palavra.	<b>est</b> ar > tar <b>est</b> á > tá <b>est</b> ava > tava <b>est</b> ou > tô estaria > taria <b>est</b> ão > tão <b>est</b> ando > tando <b>vo</b> cê > cê <b>por</b> que > que
	Síncope	Supressão de um fonema no interior da palavra.	<b>Para</b> > pra > pa Neg <b>ro</b> > neguinho op <b>in</b> ião > Opnião pel <b>os</b> > pels
	Apócope	Supressão de um fonema no final da palavra.	<b>Vou</b> > vô quer <b>er</b> > que Vam <b>os</b> > vamo entra <b>r</b> > entra Fot <b>og</b> rafia > foto metrop <b>ol</b> itano > metrô motoc <b>ic</b> leta > moto extra <b>ord</b> inário > extra radio <b>f</b> ônico > rádio

Quadro 2 – Processos fonológicos presentes no PB do *corpus* analisado. Fonte: Produzidas pelo autor a partir dos estudos realizados na obra de Seara, Nunes e Lazzarotto (2011) e Azeredo (2008) e da análise de *corpus*.

Nas ocorrências de afêrese confirmamos que são mais comuns em relação ao verbo “estar”, como apontou Azeredo (2008). Nesse sentido, percebemos a queda do fonema /es/ nos verbos “estar”, “está”, “estava”, “estou”, “estaria”, “estão” e “estando”. Dessa maneira, as notificações maiores estão relacionadas ao /tá/ que foi utilizado 162 vezes; em segundo lugar foi o /tava/, utilizado 40 vezes; o /tão/ 23 vezes; o /tô/ 19 vezes. As outras variações

do verbo “estar” foram utilizadas com menos frequência. Outras palavras em que notamos a queda de fonemas no início delas foram o pronome de tratamento “você” e a conjunção subordinativa “porque”. Na primeira, notificamos o uso 14 vezes da variação /cê/. A etimologia mostra que a palavra você vem sofrendo alterações desde o português arcaico. Por exemplo, Peres (2007) registra que no século XIV e XV o uso da expressão “vossa mercê” no decorrer dos séculos o autor mostra as modificações ocorridas: vossa mercê > vosmecê > vosuncê > você > ocê > cê<sup>7</sup>. Como vimos no Anexo 1, as 14 ocorrências justapostas a palavra “você” nos faz perceber que o locutor ao responder as perguntas feitas pelo documentador tenta monitorar o máximo possível a fala, mas deixa escapar por vezes a variação /cê/ como forma de agilizar o discurso. Na segunda a variação /que/ de “porque” é bem comum apesar de ter tido apenas 1 ocorrência. Tal variação está incluída na gramática e nos livros didáticos como passível de uso, porém se observando se contexto é formal ou informal.

Nos casos de síncope, encontramos as seguintes palavras: “para” sofreu a redução do fonema /a/, sendo alterada para /pra/, com 529 vezes; encontramos o /pa/ 2 vezes como uma variação do “pra”. Sobre essas duas variantes da conjunção “para” as quais merecem uma importância devido ao número de ocorrências não encontramos autores que as discutam especificamente, sendo assim, vemos a necessidade de estudá-las de forma particular em trabalhos posteriores. Também na palavra /neguinho/, variação de “negro” ela perde o fonema /r/, mas é acrescida do sufixo “-inho”, com 4 ocorrência. Na palavra opinião vemos a queda da vogal /i/, provocando o encontro consonantal /pn/, com 1 ocorrência. Na palavra “pelos”, contração da preposição “por” mais o artigo “o”, percebemos a eliminação do fonema /o/ causando a variação /pels/

---

7 É bom enfatizar que Peres (2007) registra ainda outras variações da expressão “vossa mercê” que foram também utilizadas devido a miscigenação linguística no Brasil entre portugueses, negros, nativos, etc.: Cê, mecê, mincê, ocê, oncê, sucê, suncê, vacê, vainicê, vancê, vansmincê, vassuncê, voncê, vosmecê, vossemecê, vosmincê, vossuncê, ucê.

encontrada 1 vez. Nessas duas últimas variações podemos compreender como corriqueiras devido ao número baixo de ocorrência, mas que devemos levá-las em consideração.

Nos casos de apócope notificamos as palavras presentes no discurso: No verbo “vou” houve a queda do fonema /u/ alterando a palavra para /vô/ com a vogal /ô/ fechada, 4 vezes no discurso. Na locução verbal “quer entrar” que no quadro colocamos separada notamos a queda do fonema /r/ ficando /qué entrá/ 1 vez; no verbo auxiliar a vogal /é/ dica com o som aberto; no verbo principal ocorre o mesmo com a vogal /á/. Observamos também a queda do fonema /s/ no verbo “vamos”, ficando /vamo/. Ainda notamos palavras às quais temos o acostume de pronunciá-las no dia a dia de tal forma que nem percebemos que são variações. Por exemplo, a palavra /foto/ considerada alteração da palavra “fotografia” após a queda da unidade fonológica /grafia/, 3 ocorrências. O mesmo ocorre com a palavra “trem metropolitano”, “motocicleta”, “extraordinário” e “aparelho radiofônico”. Na primeira alterado para apenas /metrô/ com a vogal /ô/ fechada, 3 ocorrências; a segunda sofreu a queda da unidade fonológica /cicleta/, ficando /moto/ com a vogal /o/ da primeira sílaba com o acento tônico e som aberto, 3 ocorrências. Na terceira, observamos que o uso da palavra “extraordinário” foi reduzida para o prefixo /extra/, 2 ocorrências. Vale notar que em palavra com o mesmo prefixo, como “extragrande” ou “extrafino” acontece o mesmo. Na última, na expressão “aparelho radiofônico” a palavra “radiofônico” foi reduzida para /rádio/, ficando com o acento tônico na vogal /á/.

Essas ocorrências para os usuários da língua parecem perfeitamente normais no dia a dia. Temos essa sensação porque, sendo a língua um acordo tácito, os acontecimentos linguísticos que causam a motivação tais mudanças são coletivos e por vezes imperceptíveis para aqueles que não estudam a língua. Sendo assim, dentre muito dos acontecimentos podemos destacar a era da informação. Estamos vivendo em uma sociedade cada vez mais líquida<sup>8</sup>,

---

8 Mordernidade líquida é uma expressão cunhada pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman em sua obra *A Arte da Vida*, lançada em 2009. Nessa teoria, o estudioso nos faz

a tecnologia está tornando nossas rotinas cada vez mais ágeis, simplificando os processos. Essa liquidez e agilidade também se manifestam na linguagem, fazendo com que busquemos uma língua mais sintética, uma forma de falar simplificada, mas que cumpra com os objetivos da comunicação entre os interlocutores.

## Considerações finais

Nesse estudo pudemos notar primeiramente pelo aporte teórico da análise do discurso que as línguas estão em constante mudança as quais pode se comprovar fazendo um estudo diacrônico e sincrônico. Dessa forma, é difícil falar em sistematização da língua, uma redução ou estatização dos sentidos nela. Ela é social e de acordo com a análise do discurso só pode funcionar a partir da existência dos sujeitos que a constroem a partir da articulação do eixo língua imaginária (língua) e língua fluída (discurso). Nesse eixo a língua se manifesta na materialidade do discurso, por isso a importância dessa articulação.

Justaposto a isso, observamos na entrevista do projeto Norma Urbana Culta (NURC/RJ) que as entrevistas feitas pelo documentador a um locutor tem o objetivo diferente da entrevista jornalística, a saber, de registrar ocorrências para o estudo linguístico, mas não deixa de ser o gênero entrevista. Ao utilizar esse gênero para notificar aspectos fonológicos notamos que é um *corpus* valioso para pesquisa uma vez que achamos as ocorrências a que nos propusemos.

Por meio da fonologia foi possível descrever os casos de supressão de fonemas e unidades fonológicas no início, no interior e no final das palavras que as reduzem significativamente. Isso aponta para uma sintetização da língua. Acerca dos casos elencados pudemos refletir que para um usuário da língua comum, tais mudanças são consideradas normais porque não se

---

refletir sobre a sociedade como responsável por gerar um mal-estar, que se reflete nos frágeis laços sociais, nos relacionamentos amorosos e no consumismo desenfreado.

percebe as causas disso. Contudo, para um estudioso tais alterações têm causas bem pontuais. Uma delas e supomos ser a mais relevante atualmente é a forma como a tecnologia tem interferido no processo alteração da língua. Buscamos uma língua mais sintética em que possamos nos comunicar com rapidez e eficiência.

## Referências

AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss**. São Paulo, Ed. Publifolha, 2008.

BAUMAN, Z. **A Arte da Vida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2009.

CAMÕES, Luis de. **L. V. de. 200 Sonetos**. Porto Alegre: L&PM. 1998.

CRYSTAL, David. **Dicionário de linguística e fonética**. Ed. Jorge Zahar, 2000

ORLANDI, Eni Pulcinelli; DE SOUZA, Tania C. C. A língua imaginária e a língua fluida: dois métodos de trabalho com a linguagem. In: ORLANDI, ENI Pulcinelli (Org.). **Política linguística na América Latina**. Campinas: Pontes, 1998.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Língua e conhecimento linguístico: para uma história das ideias do Brasil**: Cortez, 2002.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **O que é Linguística?** São Paulo: Ed. Brasiliense, 2006.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 10. ed. Campinas: Pontes Editores, 2012.

LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. **A resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso**: da ambiguidade ao equívoco. 167 fl. Tese (Doutorado em Ciências). Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 1984.

LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. Saussure, Chomsky, Pêcheux: a metáfora geométrica dentro e fora da língua. **Linguagem & Ensino**, v. 2, n. 1, p.123-137, 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15495/9677>. Acesso em: 14 de maio de 2021.

MONDADA, Lorenza.; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. CAVALCANTE, M. M; RODRIGUES B.B; CILLA, A.: org's. **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.

PÊCHEUX, Michel. **Análise automática do discurso**. In: GADET, Hak (Org.). Por uma análise automática do discurso. 3. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.

PERES, Edenize Ponzo. De “vossa mercê” a “cê”: os processos de uma mudança em curso. **R. (con) Tex. Ling.** Vitória nº 1 p. 155 - 168 2007. Disponível em: [file:///C:/Users/Leandro/Downloads/5100-Texto%20do%20artigo%20sem%20identifica%C3%A7%C3%A3o%20de%20autoria-10268-1-10-20130612%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Leandro/Downloads/5100-Texto%20do%20artigo%20sem%20identifica%C3%A7%C3%A3o%20de%20autoria-10268-1-10-20130612%20(1).pdf). Acesso em: 22 de maio de 2021.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1975.

SEARA, Izabel Christine; NUNES, Vanessa Gonzaga; LAZZAROTTO, Cristiane. **Fonética e fonologia do português brasileiro**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

MEDEIROS, Vanise; SOUSA, Silvia Maria. **Linguística v. 1**. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2012.

## Anexos

OCORRÊNCIAS REGISTRADA A PARTIR DA ANÁLISE DE <i>CORPUS</i>			
DESIGNAÇÃO	OCORRÊNCIA	TRECHO DO <i>CORPUS</i>	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS
AFÉRESE	<u>estar</u> > tar	“Então aquela turma garante que tem uma turma de 50, ou turma de 100. Então garante que os professores vão, quer dizer, o departamento lá, o curso vai tar preenchido [...]”	01
	<u>está</u> > tá	“ <b>LOC.</b> - Eu acho, de repente, acho acho que não, acho que não. Talvez alguns itens mais, determinados itens sofisticados, que que necessitam de uma loja especializada, tipo, uma bicicleta importada, tá? Se você, aí tudo bem, você vai ter que ir, mas aí, sei lá, eu acho que hoje em dia já tá bem diversificado, você, quando você tem shoppings, até inclusive na, que a gente considerava zona norte, né, tipo Madureira, Méier, quer dizer, a Tijuca era uma extensão da zona sul que eu acho né, o pessoal considerava, além Tijuca, subúrbio. É a imagem que eu tenho e, só que hoje em dia não, você tem o Norteshopping, amigas minhas trabalham às vezes em lojas assim. Aí tem aquela competição né, de loja: Ah essa loja tá vendendo mais do que a gente, essa outra tá vendendo mais, e uma amiga minha trabalhava numa loja, acho que do Rio Sul, ou no shopping, sei lá, um shopping da Barra, ou do Barrashopping sei lá, e ... : Pôxa, se a gente não tomasse cuidado, o Norteshopping passava a gente. E realmente tem um... tá tá bem diversificado. Acho que é, ah com o nível de renda, também, tem muita gente nesse que a gente chama de subúrbio, Nova Iguaçu, tal, tem gente que, conseguiu acumular dinheiro nesses determinados pontos e, diversificar um pouco. Zona Sul não é mais tão zona sul, tá, e os shoppings [...]”.	162

OCORRÊNCIAS REGISTRADA A PARTIR DA ANÁLISE DE <i>CORPUS</i>			
DESIGNAÇÃO	OCORRÊNCIA	TRECHO DO <i>CORPUS</i>	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS
AFÉRESE	<u>est</u> ava > tava	“ <b>LOC.</b> - Não até tinha mas, não era muito constante entendeu, era aquela coisa de, quem tava sem namorado, se juntava pra sair, entendeu, porque era época que tava todo mundo começando a namorar, aí tipo assim: Ah briguei com meu namorado, vou sair com você hoje e tal, e eu era uma das menos namoradeiras, então, geralmente, eu tava sempre no grupo, né, aí a gente ia, ia pra ... Boate, Baixo Leblon ... Eu saía pra caramba, né, o pai sempre”.	40
	<u>est</u> ou > tô	“ <b>LOC.</b> - [ ? ] É, graças a Deus, a segunda vez foi ali na rua Uruguai, eu deixei o carro, quando eu tô saltando [...]” “ <b>LOC.</b> - É, fusca, esses carros meio, Volkswagen eles tentam levar né, mas, ainda tô aqui né. <b>DOC.</b> - Agora fiquei com medo que eu tô de fusquinha aí fora!”	19
	<u>est</u> aria > taria	“[...] se eu hoje tivesse na IBM eu taria ganhando muito muito mais né [...]”	01
	<u>est</u> ão > tão	“Tem outro, a própria, aquela rua, Teodoro da Silva né, eles tão recapeando também. A Avenida das Américas, eles tão recapeando ela toda, né [...]” “É, pois é, eles tão fazendo, ali no, no Borel, o, Ciep de lá, tava parado há uns três anos [...]” “É, mas eles tão mexendo sabe, melhor do que ficar só parado. A Linha Vermelha, vai melhorar né, eu acho que... [...]”	23
	<u>est</u> ando > tando	“[...] atualmente... mesmo eu tando... né?... éh:: eu /eu agora mais madura... [...]”	01
	<u>vo</u> cê > cê	“Com praia, tá, limpa, lógico, ah ... sendo cortada, engraçado, sendo cortada por um rio, acho que aqui no Rio de Janeiro a gente não tem um rio assim que cê possa”. “Cê pára no sinal, você presta atenção se tem pivete, se tem alguém olhando meio suspeito”.	14
	<u>por</u> que > que	“Não gostaria de ser japonesa, que eu acho que eles são muito rígidos”.	01

OCORRÊNCIAS REGISTRADA A PARTIR DA ANÁLISE DE <i>CORPUS</i>			
DESIGNAÇÃO	OCORRÊNCIA	TRECHO DO <i>CORPUS</i>	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS
SÍNCOPE	Para > pra > pa	<p>Eu acho que acaba sendo uma conseqüência de namoros muito longos, entendeu. Você pode até não casar, mas, você começa a pensar, né, que, pô, como seria bom você morar com aquela pessoa, que, não tem que, dá tal hora, ela te levar pra casa, e no dia seguinte você pegar um ônibus e ir pra casa da pessoa, e, pô, você pensar que queria ficar mais tempo com ela e tal. Não sei o quê. Mas isso é o lado bom, né, mas você pensa, eu, por exemplo, penso nos dois, né. Penso também que, pô, imagina você brigar e ter que dormir junto com a pessoa, olhando pra cara da pessoa, aí acordar no dia seguintes, um não tá a fim de falar com o outro e, tá na mesma casa, sabe, tomando café juntos, não sei, mas eu acho que é uma coisa não, eu não acho que casar e ter filhos seja uma coisa natural, da vida. É uma coisa assim, quer dizer. É natural porque é comum né, as pessoas se casam, têm filhos, mas eu não acho que você tenha obrigação: Oh! Vou ficar pra tia, vou ficar solteirona, não, pô, eu conheço, essa minha tia que mora aqui, ela é solteirona, e eu acho que ela é super feliz, sabe, eu não acho que ela seria, feliz assim, ela é uma pessoa que pô, ajuda os outros pra caramba. Ela, isso é até um pouco de defeito, ela pensa muito mais nos outros no que nela, né, mas eu acho que ela é uma pessoa feliz e tal, que não tem nada...”</p> <p>“Sem dúvida, a, nível de super população, gente pa caramba hoje [...]”.</p> <p>“[...] a Tijuca né, ele tem três Bob’s aqui na Tijuca, que, vendem pa caramba, né [...]”.</p>	<p>pra = 529</p> <p>pa = 02</p>

OCORRÊNCIAS REGISTRADA A PARTIR DA ANÁLISE DE <i>CORPUS</i>			
DESIGNAÇÃO	OCORRÊNCIA	TRECHO DO <i>CORPUS</i>	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS
SÍNCOPE	Negro > neguinho	<p>“O pessoal fala que o, Rio de Janeiro é uma cidade violenta mas, a diferença é que a gente fala o que acontece aqui, e em outros lugares por exemplo, Nova York, em determinados pontos é tão, violento quanto o Rio ou, de repente, até mais, e neguinho aí nem comenta isso né”.</p> <p>“Ou neguinho já vai na base da malandragem, já quer te passar pra trás [...]”.</p> <p>Aqui no Brasil, neguinho, muitas vezes na família o cara vai ficando mais velho</p>	04
	opinião > Opnião	Bem... o que se diz geralmente é que todo brasileiro entende de futebol... não é? Algo que está meio... no sangue... eu acho que sim... ou pelo menos tenho sempre uma opinião a dar quando eu estou vendo o jogo.	
	pels > pels	Bom... em princípio você tem campeonatos de dois níveis né... os ditos campeonatos regionais... que hoje se resumem... aos estaduais...que são organizados pels respectivas federações estaduais de futebol [...].	
APÓCOPE	Vo <u>u</u> > vô	<p>“[...] eu vô com os amigos também a gente nunca vai sozinho né?...”</p> <p>“[...] eu num vô é por comodismo mesmo... (vô) ficar em casa mesmo... só muito caseiro...”</p> <p>“[...] eu vô como turista né no no no... no (passo de) vida social que eu sei..”</p>	04
	quer <u>r</u> > que	Todo mundo que entra, pode perguntar, 90% sabe o que quer fazer. e os outros 10% você resolve internamente com transferência.	01
	Vamos <u>s</u> > vamo	“E tem como o cara, vamo supor, ele terminou o básico e [...]”	01
	entr <u>a</u> r > entra	Todo mundo que entra, pode perguntar, 90% sabe o que quer fazer. e os outros 10% você resolve internamente com transferência.	01

OCORRÊNCIAS REGISTRADA A PARTIR DA ANÁLISE DE <i>CORPUS</i>			
DESIGNAÇÃO	OCORRÊNCIA	TRECHO DO <i>CORPUS</i>	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS
APÓCOPE	Fotograf <u>ia</u> > foto	<p>“[...] você desfolhava, eram só fotos horríveis de guerra”.</p> <p>“Oh! Neve! Ai é tanto que você sai tirando foto assim dos altos dos montes”.</p> <p>“É, aquelas fitinhas verde-amarela junto à foto dele em tudo que era canto [...]”.</p>	03
	metrop <u>olitano</u> > metrô	<p>“É uma cultura completamente diferente, principalmente aqui no Rio de Janeiro, né, lá é, todo mundo muito ligado a trabalho, é, pontualidade impera, entendeu, você vai numa fila de metrô o pessoal tá numa fila realmente, não tá naquele amontoado, que nem aqui no Rio, e o cara fica parado e o Metrô pára exatamente onde você tá parado”.</p> <p>“[...] há uma prioridade número um no Rio de Janeiro que é o metrô OU como estão querendo abordar atualmente o trem BALA...”</p>	03
	motoc <u>icleta</u> > moto	<p>[...] e mesmo assim tem que ter cuidado ... pode haver uma moto ...</p>	01
	extra <u>ordinário</u> > extra	<p>“[...] é um gasto extra... mas foi só um lanche... se deixar... quer todo dia comer em McDonald's e Bob's...[...].”</p> <p>“Ora, aí com as horas extras eu ganhava mais dinheiro [...]”</p>	02
	radiof <u>ônico</u> > rádio	<p>“[...] é...foi... eu acho que foi... porque antes de eu sair do Rio eu não suportava música sertaneja... só que quando uma vez eu fui pra São Paulo com uma amiga minha... tinha uma estação... tem uma estação no interior de São Paulo que chama-se Zebu... rádio Zebu... e ela toca música sertaneja da hora que abre a programação até a hora que fecha... e... por acaso... era justamente essa rádio que as pessoas ouviam lá... então eu tive que aprender a gostar de música sertaneja...”</p>	15

Fonte: Projeto Norma Urbana Culta / NURC-RJ. Site: <https://nurcrj.lettras.ufrj.br/>

*Biodados:*

Graduado em Letras/Português pela Universidade Federal do Espírito Santo (2010). Graduado em Pedagogia pela Faculdade de Teologia e Ciências de São Paulo (FATEC). Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira / Linguística Aplicada na Educação pela Universidade Cândido Mendes - RJ / Especialista em Docência do Ensino Superior pela Faculdade de Teologia e Ciências de São Paulo (FATEC); Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Professor de Língua Portuguesa na Prefeitura Municipal de Anchieta/ES.